

X T1W9X7X 3X9 IΔIT1 WT1M 9 T111712ΔM T1 9 T111712ΔM 3X9 IΔIT1 WT1M W1X  
T1W9X7X X T1W9X7X 3X9 IΔIT1 WT1M 9 T111712ΔM T1 9 X T1W9X7X 3X9 IΔIT1

EDUARDO SPOHR

# A Batalha do Apocalipse

Da queda dos anjos ao crepúsculo do mundo

X 2XUX95T1X 79 X99T1X5Δ9UT1

- 1ª EDIÇÃO -

X T1W9X7X 3X9 IΔIT1 WT1M 9 T111712ΔM T1 9 T111712ΔM 3X9 IΔIT1 WT1M W1X  
T1W9X7X X T1W9X7X 3X9 IΔIT1 WT1M 9 T111712ΔM T1 9 X T1W9X7X 3X9 IΔIT1

# **A BATALHA DO APOCALIPSE**

DA QUEDA DOS ANJOS AO CREPÚSCULO DO MUNDO

## **REVISÃO**

GUILHERME SIMÕES REIS

## **ARTE DA CAPA**

HARALD STRICKER

## **PROJETO GRÁFICO**

RODRIGO TOBIAS, DEIVE PAZOS, ALEXANDRE OTTONI

## **ARTE CONCEITUAL**

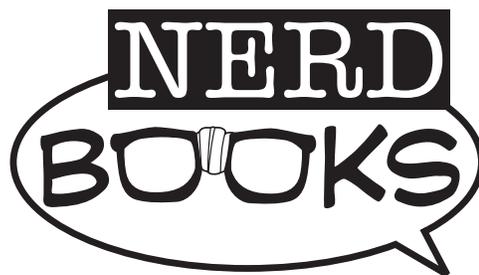
ANDRÉS RAMOS E HARALD STRICKER

## **ISBN**

978-85-909900-0-0

Disponível para venda no site JOVEM NERD

[www.nerdbooks.com.br](http://www.nerdbooks.com.br)



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução no todo ou em parte através de quaisquer meios.

*À memória de meu avô, Carlos Spohr, que desde cedo me ensinou a gostar de histórias fantásticas.*



# O MANUSCRITO SAGRADO DOS MALAKIM

---

Há muitos e muitos anos, há tantos anos quanto o número de estrelas no céu, o Paraíso Celeste foi palco de um terrível levante. Armados com espadas místicas e coragem divina, Querubins leais a Jeová travaram uma sangrenta batalha contra o arcanjo São Miguel e os anjos que o seguiam.

Deus, o Senhor Supremo de Todas as Coisas, continuava imerso no profundo sono que caíra após ter concluído o trabalho da Criação – o descanso do Sétimo Dia. Enquanto Ele permanecia ausente, os arcanjos ditavam as ordens, impondo seus desígnios no Céu e na Terra. Sentados no topo de seus tronos de luz, cada um deles almejava alcançar a divindade.

Concentrando todo o poder debaixo de suas asas, os poderosos arcanjos, onipotentes e intocáveis, utilizavam a Palavra de Deus para fazer jus à sua própria vontade. Revoltados com o amor do Criador para com os seres humanos, e movidos por um ciúme intenso, decidiram ir contra as leis do Altíssimo e destruir todo homem que caminhava sobre a Terra, acabando assim com parte da Criação do Divino.

Impulsionado por essa fúria, Miguel, o Príncipe dos Anjos, enviou à *Haled* diversas calamidades mas, como insetos persistentes, os mortais resistiram. Os tiranos alados desejavam um regresso à aurora dos tempos, quando só os animais povoavam o mundo. Eles nunca aceitariam venerar uma criatura feita do barro, uma vez que tinham sido gerados a partir do próprio esplendor e glória do Senhor.

Decidido a eliminar de vez a humanidade, Miguel ordenou que os Ishim, a casta angélica que controla as forças da natureza, arquitetassem a Destruição Final. Submissos, eles derreteram as calotas polares e a Terra foi inundada por um volumoso dilúvio. Não obstante, os mortais novamente subsistiram.

Diante de tanta morte e devastação, uma conjuração teve início. Em sua inocência política os líderes dessa conjuração foram traídos por outro arcanjo, Lúcifer, a Estrela da Manhã, único que conhecia o plano dos revoltosos para libertar o Paraíso da opressão a que era submetido. Quando o Arcanjo Sombrio denunciou as idéias revolucionárias, os rebeldes foram derrotados, expulsos do Céu, e condenados a vagar pelo mundo dos homens até o fim dos tempos. Enquanto a luz do Sétimo Dia brilhar, enquanto Deus continuar adormecido, os anjos renegados serão perseguidos e mortos pelos agentes celestiais.

Com o poder e prestígio que conseguiu por ter delatado os insurgentes, Lúcifer arquitetou a sua própria revolução. Movido por interesses nem um pouco justos, o Arcanjo Sombrio pretendia tomar o principado de Miguel e ascender acima mesmo do Criador, coroando-se em Tsafon, o Monte da Congregação, e tornado-se assim igual a Deus. O Filho do Alvorecer não queria apenas vencer seu irmão, mas desejava tornar-se ele próprio Deus – subjugar não apenas o monarca, mas também Yahweh.

Muitos anjos, revoltados com a política celeste, não conheciam as motivações egoístas de Lúcifer, e se juntaram a ele. Ao descobrir a traição, o Príncipe dos Anjos declarou nova guerra, e uma segunda batalha estalou. Por seus atos e ambições macabros, a Estrela da Manhã e seus seguidores foram lançados ao Sheol, um poço obscuro de trevas e sofrimento, um lugar terrível, um cárcere permanente. Lá, o Arcanjo Sombrio governa, e espera o momento certo para iniciar sua vingança. Hoje, os mortais conhecem essa dimensão pelo nome de *Inferno*.

Muitos milênios se seguiram às duas guerras angélicas, e então os humanos reinventaram o período das grandes catástrofes, com suas próprias armas modernas.

Na Fortaleza de Sion, a Roda do Tempo está prestes a terminar o seu giro. No alvorecer do milênio, a humanidade caminha lentamente para o Apocalipse. Em nível regional, a marginalidade, a violência e o crime organizado são mais fortes do que a polícia e o governo. A pobreza e a miséria são crescentes. No plano internacional, há guerras por todo o globo, pessoas matando umas às outras e conflitos onde os mais prejudicados são os membros da indefesa população civil. Milhares de crianças morrem a cada dia, vítimas do ódio e do orgulho de líderes sem rosto, que lutam em prol de ideais hipócritas e egoístas. Não há justiça. O mundo chora. As pessoas sofrem. A civilização dá os seus últimos gritos desesperados em busca da salvação. Mas é provável que ninguém mais a ouça.

No Céu e no Inferno, o Armagedon marca o início de uma nova era. Quando o ciclo for completado, Deus despertará de seu sono e todas as sentenças serão revistas. O Tecido da Realidade cairá. Antigos inimigos se enfrentarão, e não haverá fronteiras entre as dimensões paralelas. E esse será o Dia do Ajuste de Contas.

O crepúsculo do Sétimo Dia se aproxima, e a noite cairá em breve.

# PRÓLOGO

---

Tsafon, o Monte da Congregação, dias atuais.

Certo dia, o arcanjo Uziel, cansado daquela espera infundável, resolveu galgar o monte Tsafon e afrontar seu irmão. Armou-se de sua espada de fogo, vestiu uma armadura dourada e tomou a longa escadaria de mármore que levava à construção de pedra no topo do morro. Ao fim dos degraus, o Santuário do Alvorecer aparecia meio oculto pelas nuvens geladas, um aposento imponente, erguido por largas colunas redondas. Uma forte luz azulada coruscava em seu interior, um brilho que o arcanjo acreditava ser as emanações do próprio Deus Yahweh.

Mesmo através de seu elmo polido, que completava o conjunto da bela couraça, o rosto de Uziel era austero, e demonstrava a sua vontade. Sozinho, ele ponderara por anos a fio, e agora enfim decidira visitar o Altíssimo, só para ter certeza de que o espírito de Deus continuava adormecido, deitado no santuário, e não morto, como às vezes ele suspeitava. Um dia, há muito tempo, Uziel havia contemplado a face do Criador, uma dádiva reservada só aos arcanjos – nem os anjos tiveram esse júbilo. E o que ele viu foi fraternidade, amor e compreensão. Então, como teriam os celestiais chegado àquele grau de corrupção? O Paraíso caíra em decadência, e junto a ele também o mundo dos homens.

Mas o caminho ao santuário não seria facilmente vencido. Miguel, o Príncipe dos Anjos, irmão direto de Uziel, guardava o trono divino, e não estava disposto a permitir seu ingresso. Sozinho, ele bloqueava a passagem, brandindo sua espada sagrada, a insuperável *Chama da Morte*. Envergava uma armadura completa, prateada como os raios da lua, e adornada por detalhes dourados no peito, que formavam desenhos complexos no metal espelhado. O capacete, de crista vermelha e queixada pontuda, fora posto de lado, deixando aparentes as feições masculinas, a barba por fazer, e o rosto cheio de cicatrizes horríveis, adquiridas nas Batalhas Primevas, um confronto ancestral, sucedido antes mesmo da criação do universo.

Miguel era o mais forte dos cinco arcanjos, o primogênito, o herdeiro do Criador. Seu cabelo, negro e comprido, era cortado por uma mecha alva que corria à nuca, e os fios estavam presos em um rabo-de-cavalo pouco alinhado. Se avistado por olhos humanos, poucos o reconheceriam como uma entidade celeste, não fossem as asas branquíssimas, afiadas como navalhas nas pontas.

O vento ameno da aurora agitou o cabelo do príncipe, e soou com apito aos ouvidos de Uziel. O visitante estacou a dez metros do guardião, na parte mais baixa da escadaria. Silenciosos, os dois Gigantes se encararam – Miguel, forte e confiante; Uziel, indignado e decidido. O invasor levantou sua espada em posição de defesa, segurando a arma com ambas as mãos.

— Saia de meu caminho, Miguel. Estou reivindicando o direito de visitar o nosso Pai Yahweh, em seu leito de repouso. É meu direito como arcanjo e descendente do Criador.

Por um momento, o príncipe nada disse. Em seguida, desceu um degrau.

— Você não vai a lugar algum, caro irmão. Minha paciência esgotou-se. Estou farto de sua insolência. Eu sou o Príncipe dos Anjos, e isso significa que eu sou o líder dos arcanjos também. A minha palavra é a lei – determinou – Yahweh está dormindo, como todos sabemos. E Ele não pode ser perturbado. Eu estou aqui para defendê-Lo, e não será você ou qualquer outro que destituir-me-á de minha função principal.

Uziel pareceu ainda mais irritado.

— E como saberei que Ele está mesmo aí dentro, Miguel? Você nos diz o mesmo há milênios, insistindo que, um dia, o Criador despertará para punir os injustos. Pois eu digo que este dia chegou. A podridão tomou conta do mundo. Já é hora de sabermos se o que fala é correto.

— Atreve-se a questionar os meus comandos? Eu sou o seu irmão mais velho! Não duvide de seu comandante.

— Veja aonde você nos levou, e pergunte a si mesmo se é realmente algum tipo de líder. Gabriel arrastou metade dos nossos anjos para uma guerra civil contra nós, e Rafael nos abandonou, caindo em desgraça. Se você se opuser a mim, qual o outro arcanjo que terá ao seu lado? Lúcifer? — ironizou, evocando o nome do maior de todos os inimigos do Céu: Lúcifer, o Arcanjo Sombrio, expulso pelo próprio Miguel do Paraíso junto com sua horda nefasta.

O Príncipe dos Anjos lançou ao invasor um olhar de desdém, ao mesmo tempo em que levantava sua espada fulgente.

— Eu não preciso de você, Uziel. Não preciso de ninguém.

Então, o guardião empunhou sua arma, e a moveu para o ataque. Suas chamas cresceram, e a luz do fogo sagrado refletiu nos olhos castanhos do príncipe. Uziel sentiu vontade de fugir frente à majestade do inimigo, mas sua pujança o motivou ao combate.

— Então é verdade, não é? É verdade o que Gabriel disse aos seus anjos... — Mas antes que Uziel terminasse, Miguel alçou vôo, abriu suas asas, e desceu para ferir o irmão com um golpe violento de espada. Ofuscado pelo brilho do sol, o visitante quase não se esquivou, mas conseguiu rolar para o lado no instante preciso. Um estrondo titânico abalou a montanha, e a lâmina flamejante tocou a escadaria de mármore, abrindo uma fenda larga no solo. O invasor teria caído pela encosta do morro, não tivesse adejado em reflexo. Ascendeu às alturas, mas em seguida mergulhou, aterrissando em um sítio acima do guardião, muito perto da passagem ao santuário. Dando as costas ao perigo, disparou para dentro do templo, subestimando a potência do algoz.

Mesmo entendendo que jamais venceria o impiedoso vigia, Uziel continuou sua trilha. Queria entrar no Santuário do Alvorecer e vislumbrar a face do Onipotente, só mais uma vez, nem que isso custasse sua vida. Se o Altíssimo estivesse realmente adormecido, ele teria obtido a resposta que procurava — a de que a sua luta ao lado do arcanjo Miguel tinha sido legítima. Mas e se nada encontrasse? E se Yahweh não estivesse deitado em Tsafon? Essa hipótese o apavorava sobremaneira, mas ainda assim pereceria feliz, sabendo que desafiara seu tirânico irmão, mesmo que num derradeiro momento. Teria, então, se redimido de todas as matanças, de todas as catástrofes que promovera, de todos os cataclismos que comandara.

Correndo e voando, ele pulou para o interior do edifício, venceu as colunas e ultrapassou o umbral de entrada.

Uma luz intensa confundiu seus sentidos, mas logo a vista se adaptou à claridade. No centro do grande aposento, surgiu um pedestal trabalhado, e sobre ele descansava um livro grosso, de aparência antiga, escrito por dentro e por fora. Aquele era o Livro da Vida, um magnífico artefato deixado ao Príncipe dos Anjos pelo próprio Deus Yahweh, e que relatava, em detalhes, toda a história do Sétimo Dia, desde a criação do homem até o crepúsculo dos tempos. Estava marcado com o código secreto dos Malakim, um idioma anterior à aurora do mundo. Miguel nunca deixava que qualquer um se aproximasse do tomo, e sua obsessão para com o objeto chegava a ser psicótica.

Quando percebeu o que se passava, Uziel sentiu as costas rasgarem em um corte abrasado. A dor do fogo queimou suas asas, e o sangue escorreu pelo ferimento. Como um raio certo, a espada

flamejante do furioso Miguel dilacerou suas costas, lançando o invasor ao estado letal. Atordoado, desabou contra o chão, largando o sabre e se esticando à espera da morte.

O guardião pisoteou o busto do visitante, esmagando o metal da armadura dourada. Então, apontou sua lâmina ao rosto do irmão, em prelúdio ao choque final.

— Miguel, você nos traiu! – protestou o ferido, cuspido um refluxo de sangue – Você traiu a confiança dos arcanjos e de todos os celestiais.

— Eu não traí ninguém, Uziel. Foi você quem traiu a si próprio.

— Onde está Deus, Miguel? Onde está o nosso Pai Luminoso?

Às portas do desfalecimento, Uziel ainda resistia, procurando resposta à sua busca desesperada. Não distinguira sinais do Altíssimo no templo de mármore, só os contornos de um livro envelhecido. O que teria acontecido ao Criador?

— O Onipotente está aqui mesmo, Uziel. Será que não percebe? Ele está aqui, no Santuário do Alvorecer!

Uziel maneou a cabeça, convencido da insanidade do irmão.

— Yahweh está morto, é isso! Ele morreu ao fim do Sexto Dia! Não está apenas adormecido como você havia contado. Você nos enganou por todos estes anos, Príncipe Celeste – acusou – Eu me sinto envergonhado por ter acatado as suas ordens, mas estou feliz por, alfin, ter alcançado a verdade.

Desta feita, Uziel acalmou-se. A vida o estava deixando, mas ele havia cumprido a sua missão. Agora, sua essência vital poderia se dissipar finalmente, e regressar ao ventre do Infinito.

Pronto à execução, Miguel deteve sua espada por mais um segundo.

— Perdeu seu juízo, pobre irmão. Se preferisse esperar só mais um pouco, não estaria agora estendido neste piso gelado. A Roda do Tempo não tardará a anunciar o Apocalipse. Mas não é sua culpa. Nada você poderia ter feito para evitar o destino. Assim está escrito – completou, fatalista.

Então, o príncipe levantou sua lâmina, e Uziel aguardou a sentença.

— Não me tome por louco – acrescentou o arcanjo Miguel, em inesperado discurso – Antes que morra, quero que saiba que eu só digo a verdade, e faço tudo pelo bem da Criação. Deus está adormecido, e se você não o encontrou quando entrou nesta sala – pausou e em seguida atacou com a espada, perfurando o estomago do moribundo – é porque não teve a dignidade de olhar para trás.

Quando a arma encravou, o invasor se contorceu em espasmos de dor. Miguel trespassara seu peito, a parte mais sensível da anatomia angélica, onde está concentrada toda a essência celeste, toda a energia sagrada, todo o poder da aura pulsante.

Com uma mão, o príncipe despedaçou a couraça, e com a outra arrancou o coração do irmão. Uma luminosidade mística envolveu o cadáver, e o corpo se dispersou em vibrações cintilantes. E esse foi o fim do arcanjo Uziel, patrono da casta dos Querubins.

Vitorioso, Miguel se aproximou do pedestal, onde repousava o livro fechado. Deslizou os dedos sobre as inscrições, e sublinhou com os olhos os caracteres marcados. Virou-se para trás, para a nave do templo, agora vazia. Então, regressou a atenção ao tomo sagrado. Com um misto de seriedade e loucura, o arcanjo falou em sussurro:

— Concordo com você em um ponto, irmão: chegou o dia de Deus despertar de seu sono.



# CAPÍTULO 1

---

Rio de Janeiro, costa leste da América do Sul, em um futuro próximo.



## O REI CAÍDO DE ATLÂNTIDA

O sol estava se pondo.

Em pé, sobre a gigantesca mão da estátua do Cristo Redentor, o Anjo Renegado observava a cidade, à aproximação do crepúsculo. Sua expressão, inabalável e serena, era de alguém que muitas vidas vivera, de um andarilho que percorrera o mundo, desvendara seus infinitos mistérios, e enfrentara toda a sorte de criaturas, abissais e celestes. Mas era também o semblante de um pioneiro, que visitara nações já perdidas, e que se sentara à mesa com os grandes homens de outrora. Era como se, nas profundezas daqueles olhos cinzentos, estivesse gravada uma parte singela de cada civilização, de cada povo, de cada cultura ancestral e moderna – das torres resplandcentes de Atlântida às pirâmides da Babilônia; das cidades-estado gregas à majestade do Império Romano; das catedrais medievais às caravelas de Sagres; das campanhas napoleônicas ao horror nuclear. A história de toda uma espécie vivia agora na mente do fugitivo, um guerreiro de jovem aparência, tão preservado quanto os homens mortais no auge da casa dos trinta.

Às vezes o lutador ficava imóvel por horas, em absoluto silêncio, meditando sobre seus amigos já mortos, de maneira a não olvidá-los jamais. Padecia de um único temor: o medo de esquecer – esquecer os seus ideais, o seu passado, e a sua luta incansável.

Uma rajada de vento sacudiu a montanha, balouçando os loiros cabelos do renegado. Ele os prendeu com uma fita, e caminhou sobre a estrutura de pedra. Seu equilíbrio era impecável, mesmo na estreita passagem, que completava o braço da escultura titânica. Não se parecia com um anjo de fato, porque escondia suas asas, enfiadas na carne. O rosto era nórdico, tipicamente, e o corpo atlético, forte e delgado. Guardava um aspecto felino – era a face de um caçador, sempre alerta ao perigo, e pronto a responder ao ataque. A barba, mais espessa à volta da boca, formava um cavanhaque dourado, e as roupas escuras delineavam uma silhueta sombria. Estático, inabalável ao vento, o Querubim esperava por algo. Provava o cheiro do ar, escutava o movimento das nuvens, e enxergava a despedida do sol.

Dali, do cume da imensa montanha, mesmo os maiores arranha-céus eram agulhas, farpas minúsculas no coração da cidade. As águas da baía de Guanabara, cercada pelo morro do Pão de Açúcar e pelas brancas areias da enseada, refletiam o róseo brilho poente. Foi então que, à contemplação da paisagem, o celeste percebeu o quanto a metrópole crescera, desde sua chegada ao Brasil, há trezentos anos exatos. As praias estavam interdidas, e as fábricas poluíam a baía. As pessoas construíram pontes e ruas, e levantaram antenas no alto dos morros.

Agora, era só uma questão de tempo até que o sol extinguisse seu fogo, e a civilização mortal percesse.

E o gigante dos tempos entendeu porque estava triste.

Por mais que um dia tivesse sido um anjo, ele agora era humano também.

O Tecido da Realidade tremeu, e um trovão correu pelas nuvens.

A membrana mística, a película invisível que separa o Mundo Físico do Espiritual, fora abalada, lançando ao Plano Material dois visitantes, duas entidades tão fortes quanto o general exilado. Uma delas se materializara à distância, e permanecia parada sobre a grade de ferro que circulava a base da estátua. Emanava uma aura terrível, maléfica, cheia de ódio e furor. O segundo era amistoso, e não desejava combate. Apareceu ali perto, por cima do ombro do Cristo, próximo ao anfitrião renegado. Coxo, ele caminhou ao encontro do anjo guerreiro, apoiado em uma bengala afiada.

— Ablon, o Anjo Renegado – sussurrou o forasteiro, evocando o verdadeiro nome do general – Imaginei que o encontraria aqui. De certa forma não deixa de ser irônico...

A criatura saiu das sombras e, tal como o lutador, parecia um homem comum. Maduro, tinha o corpo largo e maciço, mas era mais baixo do que o celeste. Usava um terno alinhado, imitando os trajes mundanos. Uma barba escura cobria a face, delineando um queixo redondo.

— ... nos braços de Deus – completou.

Orion, o Rei Caído de Atlântida. Era assim que o chamavam.

— Pensei que você viesse sozinho – reagiu o Querubim, fitando o demônio disfarçado de gente, trepado na grade metálica a 30 metros abaixo de si.

— Ah, sim, Apollyon... – a atenção de Orion se desviou à mureta de ferro – Eu sinto muito. Tive que trazê-lo. Ordens do chefe.

As montanhas enfim engoliram todo o lume do sol vespertino, e o oceano aguardou o nascimento da lua. Já na penumbra da noite, Ablon virou-se para encarar seu velho confrade, um anjo caído, hoje um dos duques do Inferno, um monarca falido, que havia seguido as hostes de Lúcifer nos tempos da Guerra no Céu. Como muitos, Orion fora ludibriado pela persuasão do Diabo. Quando celeste, fora enviado à Terra para governar a legendária cidade de Atlântida, mas o Dilúvio destruiu toda a ilha, e sepultou seu povo adorado. O Rei Caído então regressou ao Paraíso, revoltado com as catástrofes incitadas pelo arcanjo Miguel. Assim, quando Lúcifer se levantou contra o Príncipe dos Anjos, Orion assumiu seu partido, mas a revolução fracassou, e os rebeldes foram lançados ao Abismo. Isso foi depois do expurgo dos renegados. Nos dias da revolução, Ablon e sua irmandade já haviam sido execrados. Se Orion estivesse no Céu à época da conjuração, talvez tivesse se juntado a ela.

— Orion, em consideração à nossa antiga amizade eu aceitei me encontrar com você. Eu quero deixar claro que este é o único motivo. O seu mestre me traiu. O demônio que o acompanha – e ele se referia ao implacável Apollyon, um assassino terrível, conhecido por ter vitimado dez dos dezoito renegados – matou muitos de meus amigos. Ademais, eu nunca simpatizei com os condenados do Porão – era uma gíria que definia o Inferno – Portanto seja breve. O tempo corre.

O Rei Caído sorriu. Aquele era o antigo Ablon, sem dúvida, o seu bom camarada que às vezes o visitava em Atlântida, e se sentava ao banquete nos dias festivos. O general não havia mudado. Orion o admirava porque, apesar das provações, das perdas e das perseguições, ele não largara os seus verdadeiros valores. Desafiara a todos para defender uma causa, e por ela continuaria lutando. *Quisera eu ser como ele* – pensou o monarca, mas ele reconhecia também o revés da liberdade. A morte e a solidão acompanham os exilados, e de repente Orion achou que, mesmo que tivesse escolhido o caminho dos bravos, ele talvez não conseguisse trilhá-lo.

— Então você também notou, não é? – instigou o infernal – Os sinais. Eles são a prova definitiva de que o fim do Sétimo Dia está terminando, e com ele toda a vida humana.

*O Apocalipse.*

Orion estava certo. Os sinais eram evidentes. Todos os símbolos e profecias apontavam para o Juízo Final.

— Eu sou um anjo renegado, o último ainda vivo. Estou condenado a viver neste Mundo Físico. Não posso mais cruzar o Tecido da Realidade como vocês. Mas não é preciso ser muito esperto para notar que o Armagedon se aproxima – o guerreiro fez uma pausa, e então concluiu – E é triste pensar que tudo o que fizemos foi em vão.

Orion achegou-se ao exilado, e tocou o seu ombro. Mesmo manco, se equilibrava com maestria no braço da estátua de pedra, arrastando a bengala.

— Não há mais saída, Orion – continuou o fugitivo – Não há mais esperança. O arcanjo Miguel finalmente conseguirá seu intento, mas desta vez ele não enviará os seus anjos. A civilização humana arruinará a si própria, com suas guerras e armas modernas. E contra os homens, nada podemos fazer.

Seguiu-se um longo silêncio, e a conversa penetrou na noite cerrada. Ablon continuava atento à silenciosa presença de Apollyon, o Exterminador, que o observava de longe. Os dois eram inimigos declarados, desde os tempos em que ambos eram generais no Paraíso – Apollyon era também um anjo caído, como Orion e Lúcifer. Era aquela uma contenda milenar, e essas brigas ancestrais só se resolvem na espada.

— Há muitos anos, eu fui o príncipe de Atlântida – começou o visitante – Como um deus, eu governei a cidade. Cada humano era para mim como um filho. A felicidade estava em todo o lugar, e quase não existia o sofrimento. Naquela época, eu tinha um amigo. Ele era um formidável guerreiro, um soldado valente e sábio. Não raro, ele vinha ao meu palácio. Nós falávamos à multidão e depois cantávamos louvores ao Altíssimo – ele mirou as ondas do mar – Mas um dia, terminou a utopia. A fúria dos arcanjos devastou minha ilha, e o povo morreu. Com ela, acabou também o meu sonho, o meu desejo de difundir a perfeita civilização, sem dor ou miséria. Quando regressei ao Salão Celestial, soube que o meu amigo, o general incansável, havia enfrentado os primogênitos, e a coragem dele me fez prosseguir. Tudo o que eu queria era vingança, e então, desesperado, eu aceitei as idéias de Lúcifer. É verdade que fomos derrotados, e que tenebrosa foi a nossa punição, mas eu nunca me arrependi por ter confrontado o opressor. Para isso, eu me inspirei em alguém – o olhar voltou ao lutador – Por toda a sua vida você lutou, general. Não pode desistir logo agora.

— E qual é a sua proposta? – perguntou, amolecido pela confissão do monarca.

— Eu sei que Lúcifer o traiu. Talvez ele não seja a criatura mais justa do universo, mas é quem melhor conhece as fraquezas do tirânico Miguel. Todos, no Inferno e no Céu, esperam pelo derradeiro confronto, a batalha do Armagedon, que antecederá ao despertar do Altíssimo. O combate é a nossa última chance de despojar o Príncipe dos Anjos, antes de o Criador voltar à cena do cosmo. Os vencedores estarão mais perto de Deus, e a Ele apresentarão suas armas.

— Quando Yahweh acordar, Ele punirá os perversos – argumentou o renegado – E não há dúvida de que Miguel será o primeiro a ser condenado, por ter usado a Sua Palavra para justificar tantos massacres. Então, por que não esperar, simplesmente. Por que não aguardar o regresso de Jeová?

— Eu não sei quanto a você, mas nós queremos vingança – rebateu, e analisou o rosto sofrido do fugitivo – E eu diria que você também.

— Tudo o que eu quero é a justiça.

— Que seja. Chame-a como quiser. Os seus interesses estão ligados ao nosso. Miguel se prepara para a guerra, e nós temos um inimigo em comum.

— O que está me propondo é uma aliança – digeriu o guerreiro, incrédulo.

— A Estrela da Manhã quer você ao nosso lado.

— O seu mestre sabe que eu nunca me uniria a ele, não depois de ele nos ter enganado, e denunciado a conjuração. Se eu tiver que lutar essa última batalha, não será sob as asas de um maldito farsante.

Orion já esperava aquela resposta, e chegara a julgar estúpido o seu senhor, por tê-lo enviado à Terra com tão inusitada proposta. Mas por muitas vezes o Rei Caído se surpreendera com a perspicácia do Arcanjo Sombrio, e preferiu não julgá-lo precipitadamente.

— Eu entendo todas as suas preocupações, mas desta vez é diferente. Este é o embate final de uma guerra que persiste por milhares de anos. Não haverá uma outra oportunidade para derrotar o arcanjo.

Ablon cerrou os punhos, e fechou os olhos, em ligeira meditação. Tudo o que ele mais desejava era completar o ministério de sua vida, enfrentar o Príncipe Celeste e vingar a memória dos renegados. O anjo guerreiro sabia que jamais venceria uma guerra sozinho, mas certamente aquela guerra não seria vencida sem ele. Depois de tantas batalhas, de tantos combates, o fugitivo era o comandante ideal, o mais indicado para dirigir um exército hostil ao tirano. Mas, controlando ou não uma armada, Ablon iria desafiar Miguel mais cedo ou mais tarde, porquê essa era a sua demanda vital, o sentido de sua existência. O duelo só seria possível quando o Tecido da Realidade caísse, já que o exilado estava preso ao seu corpo físico, e portanto incapaz de passar ao plano espiritual, e de viajar ao Paraíso. E a membrana só desapareceria à conclusão do Apocalipse. Mas, caso firmasse acordo com Lúcifer, teria o Diabo meios de pôr príncipe e vagabundo cara a cara, para uma peleja mortal?

— Eu estarei esperando por você nas proximidades da ponte Rio-Niterói daqui a quatro dias exatos. – disse Orion, quebrando o silêncio – Se você não estiver lá, eu voltarei ao Sheol e direi ao meu mestre qual foi a sua resposta.

O renegado concordou, com um tímido sinal de cabeça. Não descuidava nem um instante de seu odiado rival, o demônio Apollyon, ainda empoleirado no gradeado. Era fortíssimo o tal Exterminador, um demônio guerreiro, pertencente à casta dos Malikis, os soldados do Inferno. A pele era morena como a dos beduínos, e os cabelos negros e ralos. Vestia um sobretudo marrom, muito batido, e roupas grossas. Tinha, assim como Ablon, instintos de predador, e é claro que estava preparado para o assalto, caso o celestial explodisse, e saltasse para atacá-lo.

Orion andou para as trevas, mas acrescentou antes de desaparecer no escuro:

— Eu quero que fique com isso – sussurrou, sacando um fragmento de pedra do bolso. Era um estilhaço negro de basalto, e um símbolo em baixo-relevo marcava a superfície.

— É a runa atlântica da paz – reconheceu.

— Era parte do monolito que eu levantei na praça central de Atlântida. Foi a única coisa que sobrou da minha cidade – completou, melancólico.

— Eu me lembro – respeitou o guerreiro, aceitando o presente.

Ablon não era o único a sofrer com as memórias passadas. Orion também tinha os seus próprios fantasmas, e talvez fosse a dor que os unisse, a nostalgia inesquecível daqueles dias de glória. Compreendeu, então, mais uma das grandes emoções humanas. A ligação entre demônio e renegado era forte, porquê compartilhavam das mesmas lembranças. E essas recordações são invioláveis, precisamente porquê se transformam em lugares míticos, inalcançáveis, ícones para uma mente doída.

Quando a lua nasceu, arrastando o anil da primavera, os dois infernais já haviam sumido. A membrana fora novamente partida, e agora Orion e Apollyon estavam a caminho do Inferno.

— Lúçifer foi muito esperto ao mandar você até aqui, Rei Caído – sussurrou o celeste – É o único a quem ouço. Mas eu estarei preparado para tudo. Como sempre estive.

Ele desceu a estátua com um pulo, e tomou a estrada em retorno à cidade.